

Primeira *Travessia*

*Tânia Regina Oliveira
Ramos¹*

*“Eu atravesso as coisas – e no meio
da travessia não vejo!
– só estava era entretido na ideia
dos lugares de saída e de chegada.
Assaz o senhor sabe: a gente quer
passar um rio a nado, e passa;
mas vai dar na outra banda é num
ponto mais embaixo,
bem diverso do que em primeiro se
pensou [...]
o real não está na saída nem na
chegada:
ele se dispõe para a gente é no meio
da travessia...”*

João Guimarães Rosa.
Grande Sertão: Veredas

Joan Scott, em seu ensaio intitulado “Experiência”,² depois de historicizar o conceito experiência e de mostrar como ele é centrado na capacidade que temos de em nome dela – da experiência – reproduzir e transmitir, já que ela faz parte da linguagem cotidiana e está tão imbricada nas nossas narrativas, que seria em vão querer eliminá-la, aponta que experiência “é, ao mesmo tempo, já uma interpretação e algo que precisa de interpretação. O que conta como experiência não é nem autoevidente, nem definido; é sempre contestável, portanto, sempre político.”³

1 Professora de Literatura Brasileira na Universidade Federal de Santa Catarina.

2 SCOTT, Joan. Experiência. In: RAMOS, Tânia Regina Oliveira et al. *Falas de Gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 21.

3 SCOTT, Joan. Experiência. In: RAMOS, Tânia Regina Oliveira et al. *Falas de Gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 48.

Assim sendo, eu me sinto à vontade para escrever em nome da experiência vivenciada, quando a professora Dra. Zahidé Lupinacci Muzart, a quem dedico este meu texto, criou a primeira revista do Curso de Pós-Graduação em Literatura, chamada *Travessia*.

No editorial, professoras e alunas, assim mesmo no feminino, somente de uma história que se solidificou, apontam para a dinamização do curso a partir de uma política de publicação que contemplasse pesquisas individuais e coletivas e que buscasse nos versos de “Tecendo uma Manhã”, de João Cabral de Melo Neto, o espírito que se desejava para o Curso e para a revista: de um canto que se lance a outro canto e que outros cantos se cruzassem para tecer o amanhã.

Era 1980. Eu havia acabado de terminar meu Mestrado e de ingressar na UFSC. Construo minha história individual e acadêmica juntamente com essa *Travessia* n. 1. Nesse primeiro número escreveram aqueles que na *travessia* acreditaram: Edda Arzua Ferreira, Celestino Sachet, Zahidé Lupinacci Muzart, Maria Helena Camargo Regis, Doloris Simões de Almeida e Tânia Regina Oliveira Ramos. Somaram-se a elas e a ele vozes iniciantes: Cleusa Suiter de Aquino, Marli Furtado, Pedro Port, Janete Gaspar Machado, Marly Amarilha de Oliveira, Eunaldo Verdi, Regina Carvalho Pacheco e uma histórica entrevista feita por Lina Sabino com Eglê Malheiros. Nas suas leituras, olhares sobre Clarice Lispector, Rubem Fonseca, Ignácio de Loyola Brandão e Darcy Ribeiro. Um diálogo entre dois ensaios sobre ensino da literatura. Outros textos se debruçaram sobre as vanguardas, sobre antropofagia, sobre poesia e sociedade. Os temas e as ideias sobrevivem ao tempo.

Por onde andam as pessoas e esses nomes próprios? O espaço virtual, 30 anos depois, permite encontros datados com os nomes e suas *travessias*. Certa feita, um professor me disse que me ligo demais nas biografias. Hoje eu vejo que valeu a pena: em cada nome próprio a rostidade tão necessária, como diria Deleuze em seu diálogo com Claire Parnet.⁴ Uma geografia de destinos. Alguns se foram tão cedo. Da UFSC e da vida. Todos, porém, construíram sua vida acadêmica na UFSC e em Universidades Federais, do Pará ao Rio Grande do Sul, desbravadores do que hoje são os cursos de Pós-Graduação em Letras. Particularmente leio nesses sumários uma nominata de saudade, presenças e ausências, referências, permanências, notas de rodapé, memórias de tanto que ficou no meio do caminho.

Em 1991, uma década depois do número inaugural, já com meu doutorado concluído, organizei o número 21, um número todo voltado a textualidades contemporâneas. A nossa revista *Travessia* estava consolidada e nesse número publicamos Renato Cordeiro Gomes, David Jackson, Christl Brink-Friederici, Francis Utéza, Donaldo Schüler, Vera Queiroz, Antônio Manoel Nunes, Marly Amarilha – nomes sólidos na crítica literária dos anos 90.

⁴ DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

Ao lado deles, Zahidé Muzart, Celestino Sachet e Ana Luiza Andrade; tendo a UFSC ao lado de seus nomes. Transitamos nesse número pela vitrine de uma produção literária recente, pela memória, pelo romance policial, pelo erotismo, pelo regionalismo, pelo fantástico, pela revisão dos modernistas e do modernismo, pelas literaturas de Silviano Santiago, Sônia Coutinho, Clarice Lispector, Hilda Hilst, Orlando Bastos, João Almino, Murilo Rubião, Cecília Meireles, Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Éramos todos estudiosos e pesquisadores de literatura brasileira.

Com esse breve histórico, com esse exercício da memória, quis mostrar como os números da revista *Travessia* apontavam para um caminho a percorrer, espacial e temporariamente, para deslocamentos, desafios e permanências. *Travessias*.⁵ Zahidé Lupinacci Muzart, visionária, ao plantar a semente de uma revista *do e para* o Curso, mostrava às primeiras alunas, aos primeiros alunos, às primeiras professoras e aos primeiros professores a importância dos espaços para a publicação e para a visibilidade da produção do Curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da UFSC. Ao revisitarmos esses textos, é preciso que estejamos conscientes de que não podemos dispersar essas produções, e sempre que pudermos devemos *colar esses papéis* para formar um arquipélago de leituras e de fortunas críticas. Na dúvida e na tensão do diálogo, como este que estabeleço agora, a voz provisória da crítica, da crise e das escolhas se fazem *travessias*. Só as leituras e releituras podem contribuir para uma nova visão da história literária, onde se fale não só dos textos literários, como também dos próprios textos que sobre eles falam ou os organizam.⁶

A escrita do eu permitiu-me o esboço dessa *travessia*. Se é no meio dela – da *travessia* – que a urgência sempre se impõe, por que não cantar com(o) a poeta: *estamos todos no meio / Quem chegou e quem faz tempo que veio / Ninguém no início ou no fim*.⁷

5 Em 2004, o IX Encontro Internacional da ABRALIC, realizado na UFRGS, teve como eixo de reflexão o tema: *Travessias*.

6 RAMOS, Tânia Regina Oliveira. Os discursos de quem viu são profecias. In: MOREIRA, Maria Eunice; CAIRO, Luiz Roberto Velloso. *Questões de crítica e historiografia literária*. Porto Alegre: Nova Prova, 2006. p. 201.

7 Versos da canção de Adriana Calcanhoto em *Velhos e jovens*.